

# Evitando uma Abordagem Padronizada às Culturas Diversificadas

## Lições Aprendidas a Partir das Operações no Leste da África

**Tenente-Coronel Laura R. Varhola, Exército dos EUA e Major Christopher H. Varhola, Reserva, Exército dos EUA**

*A Tenente-Coronel Laura R. Varhola é Adida de Defesa e do Exército junto à Embaixada dos EUA, Dar es Salaam, na Tanzânia. É bacharel pela University of Michigan e Mestre em Relações Internacionais pela Troy State University. É graduada pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército da França. Serviu em várias missões de comando e estado-maior nos EUA, Coréia, América Latina, Iraque e África.*

*O Major H. Varhola é um antropólogo cultural prestes a completar seu PhD pela Catholic University of America. Sua pesquisa atual tem como foco a identidade e a prática religiosa ao longo da costa do Swahili, na Tanzânia. Foi designado anteriormente como oficial para assuntos culturais junto ao 352 Comando de Assuntos Cívicos no Iraque. É pesquisador junto ao Centro de Lições Aprendidas no Iraque, monitor da operação de cessar-fogo no Sudão e ocupou várias posições de comando e estado-maior nos EUA, Arábia Saudita e África.*

**A**LGUNS ANOS ATRÁS, um grupo de monitores de uma operação de cessar-fogo, preparando-se para ir às Montanhas Nuba no Sudão, recebeu no Pentágono um briefing da situação que iriam encontrar. Ao final, um monitor perguntou sobre a criminalidade e a violência econômica na área. O oficial encarregado, pacientemente explicou que o conflito no Sudão era entre cristãos e muçulmanos e que a criminalidade não era motivo de preocupação. Sua resposta refletia uma abordagem comum no exame de conflitos, subestimava a necessidade de integrar o entendimento cultural no espectro das operações militares. A realidade no Sudão e de outros países é que fatores econômicos, políticos e religiosos não podem ser examinados isoladamente. Naquela área do Sudão, por exemplo, a competição entre pastores e agricultores tinha dimensões políticas, religiosas e militares. A tensão econômica emoldurava uma grande parte do conflito e a crescente violência econômica era, simplesmente, a maior ameaça ao cessar-fogo.

A cultura tem sido descrita como “discursos múltiplos que, ocasionalmente, se unem em uma grande configuração sistêmica, porém, mais frequentemente, co-existem dentro de campos dinâmicos de interação e conflito.”<sup>1</sup> A cultura é tão ampla que não pode ser isolada e estudada separadamente de outros fatores sociais tais como história, economia, política, religião e relações que vão de locais a internacionais. Mas tanto na história militar como na literatura da contra-insurgência, as referências à cultura e ao entendimento regional, seguidamente, consistem de uma linha ou parágrafo afirmando que tal conhecimento é importante para o sucesso. No passado, briefings com duração de uma hora, realizados durante a preparação para o desdobramento, sistematicamente não tratavam adequadamente o item cultura, além de diminuir sua importância no planejamento das operações. Agora,

principalmente por causa dos desafios no Iraque, há um reconhecimento crescente da necessidade do conhecimento e entendimento da cultura local pelos militares do Exército. As lições aprendidas no Iraque incluem a necessidade de:

- continuidade do pessoal e do conhecimento institucional de cada região;
- treinamento cultural em nossas instituições educacionais;
- diversidade no conhecimento de idiomas;
- análise sócio-econômica conduzida durante o processo de planejamento por especialistas regionais; e
- um retrospecto feito, em tempo hábil, com especialistas do setor.

### Problemas no Leste da África

Em 2002, o Exército dos Estados Unidos estabeleceu a Força-Tarefa Combinada para atuar no Chifre da África (*Combined Joint Task Force-Horn of Africa — CJTF-HOA*), em Djibouti, com o propósito de “detectar, interromper e, finalmente, derrotar grupos terroristas transnacionais que operavam na região.”<sup>22</sup> Parte da missão envolvia assistência na forma de operações cívico-militares para reduzir as condições de pobreza que ajudavam a alimentar o terrorismo. Implicado neste esforço estava o entendimento de fatores culturais e sócio-econômicos complexos, que influíam no comportamento e na crença das pessoas de países do Chifre e do Leste da África.

**Preparação e planejamento inadequados.** Apesar das lições aprendidas no Iraque, operações como as que estão em processo no Quênia e na Tanzânia são marcadas por alta rotatividade de pessoal. Além disso, a maioria do pessoal desdobrado na região recebeu pouco ou nenhum treinamento sobre a área, não conhece a língua swahili e não contam com uma cadeia de comando contínua, insistindo para que eles aprendam a língua nativa *in loco*. Para complicar ainda mais o problema, poucos daqueles que planejam as operações já estiveram nos países envolvidos e mesmo que o grupo de planejamento possua especialistas da região, tem pouca influência sobre outros subgrupos. Podemos atribuir essa última deficiência à forma com que os estados-maiores militares tipicamente trabalham, ou seja, eles tendem a operar de forma independente

e ter como foco a área funcional, ao invés de integrarem todos os aspectos das variações locais e regionais no seu plano operacional.

Os regulamentos, normas gerais de ação, modelos e diretrizes desenvolvidos em outros contextos reforçam essa tendência. Como resultado, o grupo desenvolve um planejamento no vácuo, dando pouca importância às especificidades e preocupações regionais.

**Interpretando erroneamente o poder de identidade tribal.** É muito comum ouvir militares do Exército americano no Iraque afirmarem que a sociedade iraquiana é tribal e que se uma pessoa entende as tribos, entende o Iraque. O mesmo pensamento é comum no leste da África. Como a guerra, freqüentemente, envolve a completa desestruturação política e econômica, as teorias sobre o renascimento de religiões primitivas e identidades etnotribais têm vindo à tona. Essas teorias enfocam interações interculturais e insistem que algumas delas suplantam outras formas de interação. Essa análise é tentadora na sua simplicidade, mas errônea. O papel variável da identidade tribal é de fato importante dentro de um contexto de outros fatores como raça, religião, nacionalidade, modo de vida e localização; não obstante, nenhum desses pode ser examinado isoladamente de outros fatores ou sob condições que enfatizam um fator mais do que outros.

As identidades tribais podem desempenhar um papel menos importante nas operações em tempos de paz porque essas atividades geralmente ocorrem em países soberanos, com os governos e os sistemas judiciários funcionando, o que impede uma maior oscilação em questões étnicas e tribais. Não obstante, os fatores culturais desempenham um papel importante nas estruturas sociais e governamentais. Por conseguinte, cada chefia da seção deve considerá-las durante o planejamento e a execução. Essa afirmação simplista pode ser axiomática, mas sua aplicação é complexa.

**Subestimando a complexidade cultural.** A abordagem padronizada relativa aos aspectos culturais no planejamento para operações humanitárias em tempo de paz é simplista; ela desconsidera as razões complexas que levam as pessoas a escolherem o terror como forma de ação. Tomemos como exemplo a conferência com a imprensa na Tanzânia, em agosto de 2006, durante a qual um comandante sênior do Exército

americano declarou que aquela força singular estava na Tanzânia “a procura de condições que alimentavam o terrorismo.” Os tanzanianos ficaram perplexos ao ouvirem tais comentários e um repórter da *Associated Press*, achando o comentário engraçado, pôs-se a perguntar aos tanzanianos se eles haviam visto terroristas recentemente. Os tanzanianos estavam muito contentes com o esforço militar dos EUA, porém a razão apresentada para prestar ajuda não conseguiu reforçar os laços de confiança na profundidade esperada.<sup>3</sup>

**Uma falácia compartilhada por americanos e muitos ocidentais é que os projetos de ação civil são sempre positivos e relativamente simples de executar.**

A politização do descontentamento nascida da pobreza e da opressão social não é algo novo. Ela é a razão de ser das ações da Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional (*US Agency for International Development — USAID*) e seus contrapartes em governos estrangeiros. Dizer que a pobreza em si é causa do terrorismo simplifica situações complexas e ignora um grande número de fatores, além do produto nacional bruto que afeta atitudes e condições sociais.

O comandante que liderava a conferência com a imprensa na Tanzânia queria tornar público as ações humanitárias do Exército americano. Seus comentários, ligando ações assistenciais à luta contra terroristas diminuíram a eficiência da operação e chamaram atenção para o fato de que as forças americanas estavam na Tanzânia para defender interesses americanos e não para melhorar o bem estar daquele povo. Os comentários do comandante revelaram que seu estado-maior, encarregado de planejar a ação, tinham um foco limitado e pouco conhecimento dos detalhes complicados das áreas rurais do país.

**Esforços dúbios de ações públicas.** Supostamente, os oficiais de relações públicas devem ser especialistas em lidar com a mídia, mas se não tiverem experiência em uma determinada

região, eles geralmente optam pela a idéia de que quanto mais mídia, melhor. Não obstante, se o propósito de uma operação é melhorar as condições sociais pela redução dos potenciais da área em tornar-se um campo fértil para o terrorismo, a publicidade torna-se desnecessária, quando não contraproducente. As notícias locais, passadas de boca em boca, são mais do que suficientes para informar a população-alvo sobre os esforços dos EUA e para transmitir a idéia de que os americanos estão prestando assistência não para receber mais do que atenção imediata. Infelizmente, o pessoal do Departamento de Estado e oficiais do Exército só cumprem turnos de trabalho de um ou dois anos, o que limita o seu impacto e o número de projetos que possam realizar. Por essa razão, fica claro o motivo pelo qual eles querem tornar público suas ações, mas a publicidade sem reflexão pode fazer crer que os EUA prestam assistência a curto prazo apenas para ganhar visibilidade momentânea, ao invés de ações de longo prazo que lhes dê credibilidade duradoura. Informar a mídia nacional e internacional sobre essas operações provoca críticas porque expõe as ações dos EUA a um grande grupo, que pode fazer ligações de “militarismo” e “imperialismo” a outras ações, em outras partes do mundo. Isso se torna menos provável se a publicidade é mantida no nível local.

**Falta de entendimento da influência religiosa.** A percepção de que as áreas rurais da Tanzânia são um solo fértil para o islamismo estremado não está totalmente errada, mas esse tipo de percepção geralmente ignora as religiões locais, as atitudes civis, os caminhos para o desenvolvimento e a popularidade e acesso aos oficiais do governo eleito. No distrito onde o comandante fez suas observações, há uma fusão histórica entre islamismo e cristianismo, especialmente entre católicos e anglicanos, sob um grande guarda-chuva cultural africano. Esse sincretismo religioso reconhece o papel e o poder dos espíritos e da magia, bem como a influência dos ancestrais familiares na vida contemporânea. Além disso, o sincretismo fomenta uma tolerância religiosa que promove a coexistência e uma rede econômica. Em toda a região é aceitável o casamento entre pessoas de diferentes credos e a conversão do cristianismo para o islamismo e vice-versa, sem restrição de gênero.



Capitão Dwayne Overby, do Exército americano, 96º Batalhão para Assuntos Cívicos, medica um burrinho durante um Programa de Ação Cívica Veterinária em Ali Adde, Djibouti (19 de setembro de 2006).

Ultimamente, porém, a influência externa religiosa tem sido menos tolerante, desafiando o *status quo*. Vale citar, em especial, um número crescente de fiéis da Igreja Pentecostal que são contra o culto aos espíritos dos ancestrais, por considerarem essa prática uma forma de adoração ao diabo e contra os muçulmanos, por não aceitarem a Jesus como Deus.

Os muçulmanos dessa área têm refutado as tentativas dos Pentecostais de dividir a comunidade, no que têm sido bem-sucedidos, uma vez que os consideram hereges por adorarem a Jesus ao invés de Deus. Os muçulmanos consideram a Igreja Pentecostal uma seita cristã diferente e que, a partir desse posicionamento, têm conseguido expulsá-los da grande comunidade. A Teologia da Trindade Cristã provou ser menos importante frente a um sistema que permite a co-existência pacífica. De forma semelhante, a visão muçulmana que não permite crenças locais e a conversão ao cristianismo não tem ressonância entre os tanzanianos. Esses fatores afetam o potencial da área para produzir

terroristas. Conhecimentos como esses deveriam ser incorporados às estratégias cívico-militares americanas.

**A desconsideração das relações econômicas e de poder.** Os comentários do comandante também ignoraram as identidades civis e modos de vida que afetam atitudes e tendências ao apoiar ou usar a violência. A oposição política aos Estados Unidos na área é limitada, mas onde existe deve ser colocada num contexto sócio-econômico e não ser levada pelas aparências, que podem ser errôneas. Por exemplo, a maior parte dos residentes de uma outra vila, no mesmo distrito de maioria muçulmana, declarou seu ódio aos Estados Unidos e afirmou que nenhum americano era bem-vindo lá. Essas pessoas expressavam suas opiniões usando uma retórica político-religiosa, mas nesse caso, política e religião eram menos importantes do que economia. A vila se situa na costa e seus residentes estavam contrabandeando maconha, troncos de mangue e levando carne ilegalmente para Zanzibar e o Oriente Médio.

As atitudes que eles defendiam eram mais pragmáticas do que políticas: eles queriam minimizar a pressão externa à área porque ela interromperia suas ações ilegais.

Da mesma forma, numa recente visita ao distrito de Bagamoyo, nós observamos um grande número de pastores. Essas pessoas haviam se mudado recentemente para a área por causa da seca nas suas terras tradicionais de pastagem. Sua presença é uma fonte de tensão e conflito com os fazendeiros do distrito. Conseqüentemente, uma ação civil dos Estados Unidos para prestar apoio de serviço veterinário ao gado dos pastores poderia parecer uma ação óbvia, mas provavelmente essa ação despertaria a ira dos residentes nativos da área e geraria má vontade em relação aos Estados Unidos.

Uma falácia compartilhada por americanos e muitos ocidentais é que os projetos de ação civil são sempre positivos e relativamente simples de executar. A idéia de que as populações locais devem perceber tais atividades como benéficas nem sempre é verdadeira. Nas antigas colônias do Leste da África, religião era um instrumento para a colonização e o lema *Uhuru and Kujitegemea* (liberdade e autoconfiança) indicava a decisão da África do Leste de não repetir as relações de dependência e de trocas desiguais que caracterizaram a era colonial. Mesmo que o desenvolvimento seja corretamente considerado como um esforço para ganhar corações e mentes, ele não é sempre visto como uma força benigna. Os Estados Unidos não podem ganhar a aceitação da população simplesmente por que gastam dinheiro em projetos sociais. Ao contrário, a população frequentemente considera tais gastos como uma forma alternativa que as nações desenvolvidas utilizam para introduzirem seus planos nacionais e diminuir a soberania da África.

A assistência desenvolvimentista é freqüentemente vista como um disfarce para operações militares e de inteligência. Por exemplo, vários meses atrás os jornais da Tanzânia e do Quênia discutiam um plano americano “confidencial” para combater o terrorismo. Os artigos afirmavam que o Pessoal de Coordenação do Exército e os Oficiais de Ligação eram boinas verdes altamente treinados e proficientes nos idiomas locais; que estavam operando sob o disfarce de projetos humanitários para coletar

inteligência e infiltrar redes de terrorismo.<sup>4</sup> Essas colocações mostram como é fácil associar operações civis e militares contemporâneas com operações sigilosas. Os militares dos Estados Unidos devem estabelecer prioridades e planos com relação à condução dessas operações.

## Quem Deveria se Envolver com a Cultura?

O entendimento do papel que a cultura desempenha na sociedade não é uma tarefa fácil, nem adequada às unidades de uma forma ideal. Forças especiais, oficiais de área estrangeira e soldados trabalhando com assuntos civis e operações psicológicas recebem treinamento regional e lingüístico. O nível do treinamento varia, dependendo da região e dos requisitos e prioridades correntes no Iraque e Afeganistão. Não obstante, é comum para “especialistas” em conhecimentos do continente africano não terem nenhum treinamento sobre a África em si e jamais terem se desdobrado em qualquer lugar desse continente. Dessa forma, mesmo que especialistas regionais estejam disponíveis e que sejam efetivamente utilizados, eles poderão não ter a proficiência que a operação demanda. Para compensar essa lacuna, algumas unidades militares usam capelães como especialistas em cultura. Seus comandantes consideram ser um papel adequado a eles, dada à ligação íntima entre religião e cultura. Mas enquanto os capelães têm o papel de conselheiro dos comandantes sobre assuntos religiosos em ambientes de operação militar — atribuição, em geral, desempenhada com grande sucesso no Iraque — ter que lidar com cultura como um todo criaria um dilema para eles: Como separar a religião da cultura? Essa é uma tarefa quase impossível. Os componentes da cultura não podem ser isolados uns dos outros e uma análise cultural ampla não é uma área para a qual os capelães foram treinados. Aconselhar sobre assuntos religiosos em uma área de responsabilidade (*area of responsibility* — *AOR*) é um papel doutrinário vago e leva a pergunta sobre a extensão em que deveriam desempenhar missões interagindo com os nativos, fora das bases militares, já que muitos poderiam ver os capelães como tendenciosos, dogmáticos ou etnocêntricos. Essa é, em última análise, uma decisão de comando e a questão que se coloca aqui



Departamento de Defesa

Fuzileiros do 6º Batalhão de Engenharia e soldados da Força de Defesa do Povo de Uganda trabalham juntos para construir um novo telhado para o alojamento das enfermeiras durante um Projeto de Ação Médica Civil (MEDCAP) em Serere, Uganda, como parte do exercício Natural Fire (20 de agosto de 2006).

é, simplesmente, que os comandantes precisam estar conscientes do potencial de efeitos negativos que podem surgir com o uso de capelães como conselheiros culturais e oficiais de ligação.

Estas missões que fogem do caráter tradicional podem ter efeitos inesperados. Por exemplo, um capelão militar sênior do Exército americano, recentemente solicitou permissão para entrar na Tanzânia para encontrar-se com líderes religiosos importantes do país. Seu objetivo era “[desenvolver] meios nos quais a religião, [um componente] que desempenha um papel crítico nas relações internacionais nessa região, pudesse ser usada como uma força de paz e cooperação.” Sua justificativa para visitar a Tanzânia ia mais longe, “Nós temos enviado doações por meio de outras pessoas para que elas pudessem entrar no Sudeste do Sudão. Nós temos ligações com organizações religiosas e seculares não governamentais (ONGs) por intermédio de nossa área de interesse (*area of interest — AOI*) para atingir de forma mais eficiente e eficaz objetivos comuns.”<sup>5</sup> Essa justificativa, com objetivos humanitários ou não,

tem no mínimo uma conotação política e até mesmo militar, já que ONGs cristãs, sem dúvida alguma, provêem fundos para o Exército de Libertação do Povo do Sudão. Ao usar sua posição religiosa para repassar fundos ao Sudão, o capelão estava conscientemente ou não, em busca de objetivos político-religiosos, ao tentar contornar as barreiras impostas pelo Governo americano para impedir tais ações naquele local.

O sistema de governo americano prevê a separação entre Igreja e Estado; dessa forma nenhuma agência governamental tem permissão para realizar trabalho de caráter religioso. Os capelães, no serviço militar dos EUA, são um tipo de anomalia. Como são pagos pelo Governo, especificamente para orientarem os soldados religiosamente, não há como esconder o fato de que defendem a religião. O mau uso da palavra “cruzada” pelos militares americanos e líderes políticos para descrever a guerra no Iraque, pode fazer com que o capelão pareça, aos olhos de árabes e muçulmanos, como um membro de uma cruzada, um *jihadista* judaico-cristão (“cruzado”

em árabe traduz-se como *harb al salibeya*; uma guerra da cruz, que pode ser facilmente traduzida como uma “*jihad* cristã”).<sup>6</sup> Em dois casos que observei no Iraque, esse significado foi subestimado por capelães carregando armas, um ato de legalidade questionável, que viola os princípios do bom senso e reforça as impressões de uma guerra religiosa.

Por essas razões, designar capelães, que são na sua grande maioria cristãos, como peritos em cultura e como os principais agentes para interação cultural poderá dar às atividades americanas uma conotação religiosa nas regiões consideradas. Isso não é uma censura aos capelães, mas um alerta sobre as potenciais probabilidades de problemas, inerentes ao uso de religiosos em outras funções, em contextos político-religiosos. Sobretudo, usar capelães simultaneamente como especialistas culturais e conselheiros acentua as dificuldades, na cadeia de comando militar, de se entender as complexidades da cultura local. Por outro lado, esse fato sublinha a necessidade de analisar metodologicamente os fatores culturais e integrá-los às operações militares.

## Lições Esquecidas

Usando as operações no leste da África como exemplo, fica evidente que os militares dos EUA não aplicaram as lições aprendidas no Iraque. Até agora, as forças americanas que se dirigem ao leste da África, não receberam nenhum treinamento sobre a sua cultura antes do desdobramento; ao contrário, eles foram treinados para o Iraque e o Afeganistão. Apesar de que muito desse treinamento foi inegavelmente adequado — incluindo treinamento de comboios com fogo real, tratamento de prisioneiros, estudos sobre a legislação de guerra, táticas de pequenas unidades e técnicas de reconhecimento de explosivos improvisados — ele não se aplica ao leste africano. Como consequência, as forças americanas seguidamente solicitavam apoio de sua Embaixada para resolver questões básicas de informações e de logística. Essa situação pode criar conflitos com o pessoal da Embaixada, que poderá ver as novas forças militares na região como depauperadoras de seu tempo e recursos, além de uma fonte potencial de constrangimentos.

A falta de treinamento regional e conhecimentos gerais, também, impedem as forças americanas

de se integrarem adequadamente às sociedades estrangeiras. Essas pessoas, algumas vezes, residem em hotéis de luxo e contratam tradutores ou despachantes para procurarem artigos no comércio local e aconselhá-los a interagir com pessoas do lugar. Operações mais longas têm permitido a transformação de residências de luxo seguras em ricas comunidades de expatriados no Leste da África. Embora esse arranjo satisfaça as recomendações da Embaixada com o intuito de proteger as forças e mantê-las de alguma forma sob controle, devido à proximidade, ele não propicia formas de aprendizado sobre o país.

Se as forças americanas vão se engajar em atividades de paz, elas devem incorporar em seus planos de operação e execução conhecimentos históricos, culturais, étnicos e socioeconômicos de uma sociedade em constante mudança. Além disso, devem proporcionar aos seus líderes acesso às informações e a especialistas, de forma que possam tomar decisões confiáveis. Nós precisamos superar prerrogativas dogmáticas institucionais. Nós precisamos tomar decisões maduras, bem informadas e checadas por feedback. Precisamos construir uma base de conhecimento institucional que nos proporcione flexibilidade e continuidade.

É impossível entender as condições que alimentam o terrorismo pela observação à distância, isolados em enclaves luxuosos, situados nas capitais, durante um período de trabalho de 90 dias. Para entender essas condições é preciso anos de treinamento e o reconhecimento, por parte do comando, da importância da missão. **MR**

---

## REFERÊNCIAS

1. DIRKS, Nicholas, ELEY, Geoff, e ORTNER, Sherry, *Culture/Power/History* (Princeton, Nova Jersey, J:Princeton University Press, 1994), p. 4.
2. Plano de Missão da FT Combinada no Chifre da América, disponível em: [www.hoa.centcom.mil](http://www.hoa.centcom.mil)
3. “US Builds Clinic to Win Hearts and Minds of Tanzanians,” *This Day* (Dar es Salaam, Tanzânia), 19 de agosto de 2006.
4. “Special Forces to Serve at US Embassies,” *The Citizen* (Dar es Salaam, Tanzânia), março de 2006.
5. Correspondência pessoal do autor.
6. Por exemplo, no dia 18 de setembro de 2001, durante uma mensagem e conferência de imprensa levadas ao ar, o Presidente Bush disse, “esta cruzada, esta guerra contra o terrorismo vai levar algum tempo...”, ver FORD, Peter “A Europa se afasta da “cruzada” de Bush contra os terroristas.”, *The Christian Science Monitor*, 19 de setembro de 2001, p. 12. Durante a *Desert Storm*, o autor observou um carro de combate com a palavra *Crusader* pintada na alma do canhão e um outro exemplo é o sistema de artilharia cujo nome é “Army’s Crusader”.